



## Boletim Informativo ABCOC

Órgão Oficial de Divulgação da Associação  
Brasileira dos Criadores de Ovinos Crioulos

---

Ano 2, Número 5      Dezembro, 2003

---

**Editorial** – O quinto número de nosso Boletim Informativo tem início com a segunda parte (dados experimentais) do artigo do Prof. Marcelo Cecim (publicado no número anterior), a respeito do uso da ovelha crioula como raça materna no cruzamento industrial, do tipo terminal, com carneiros suffolk. Os dados apresentados dão suporte às afirmativas efetuadas na primeira parte, corroborando a adoção de tal prática, qualificada como um sistema simples e natural, para a obtenção de uma maior produção não estacional de cordeiros de corte.

São ainda raros os trabalhos que tratam especificamente da avaliação qualitativa dos produtos da ovelha crioula. Em preenchimento de tal lacuna, outro artigo deste número, da Profa. Márcia Gularte (UFPel) e colaboradores, nos traz resultados importantes quanto às características sensoriais da carne, de forma comparativa, entre animais castrados e não castrados.

Também, neste número, o colega Eduardo Amato nos brinda com uma síntese a respeito do 2º Concurso de Artesanato em Lã e Pele Ovinas, o qual, a ABCOC é promotora, juntamente com as demais associações de raças ovinas. Ainda, apresenta-se um resumo da 3ª Exposição Nacional de Ovinos Crioulos, realizada em Canguçu.

Ao final de nossa gestão, aproveitamos para informar que já temos assegurado o espaço físico para a construção de nossa sede social, junto ao Pavilhão de Ovinos, em Esteio, o qual foi cedido pela Secretaria da Agricultura. Resta-nos agradecer o apoio irrestrito que sempre recebemos de todos, sem o qual nossa empreitada não teria êxito. Desejamos ao colega Volnei Afonso Merino e demais membros da Diretoria eleita para o Biênio 2004/5, pleno sucesso.

Diretoria Biênio 2002/3

**ABCOC – Associação Brasileira dos Criadores de Ovinos Crioulos**

DIRETORIA (2004-2005)

Presidente: Volnei A. Merino;

Vice-Presid: Amandio G. Bueno;

Secretário: Gilson R.P. Moreira;

Tesoureiro: Luis Christian Pötter;

Conselho Técnico: Clara M.S.L. Vaz, Marcelo Cecim, Rui J. Godinho;

Conselho Fiscal: João A. Bronzatto, Luis. L. Burmeister;

Departamento Sócio-Cultural: Volnei Merino, Leopoldo R. Pötter, Marcelo Cecim;

Departamento de Divulgação: Amandio Bueno, Gilson R.P. Moreira;

Representante Estado de Santa Catarina: Fabrício A. F.A. Costa.

**Boletim Informativo ABCOC**

Com circulação entre os sócios da ABCOC, publica informações pertinentes à Ovelha Crioula. Artigos assinados pelos autores são de responsabilidade desses. Periodicidade: quadrimestral. Tiragem: 100 exemplares.

Editores: Marta Coutinho da Silva; Leopoldo R. Pötter; Gilson R.P. Moreira (responsável)

**Endereço p/correspondência:**

Rua Rio Pardo, 409  
Porto Alegre, RS 90520-430

Fones: (51)33627297 e 99117210

Email: gilson.moreira@ufrgs.br

Home page:  
[www.ovelhacrioula.hpg.com.br](http://www.ovelhacrioula.hpg.com.br)

**Raças maternas e desenvolvimento ponderal de cordeiros crioulos e suas cruzas em sistema terminal (Parte 2)**

Marcelo Cecim\*

Nesta segunda parte do artigo iremos discutir alguns resultados relativos ao desempenho de fêmeas crioulas e seus cordeiros oriundos de cruzamento terminal com carneiros suffolk. O estudo piloto foi desenvolvido em 3 anos consecutivos (1999-2001), sempre em regime super-intensivo. Neste sistema, as ovelhas eram encarneiradas nos meses de março e abril, por 48 dias (3 ciclos) somente a noite, na mangueira, com carneiros suffolk com tinta marcadora, sendo esta trocada a cada 16 dias. Nos anos de 99 e 00, utilizou-se carneiro de linhagem americana (tipo grande) e no ano de 2001 carneiro neo-zelandês (tipo médio). Os animais eram observados diariamente e apontado o dia da cobertura. A prenhez foi confirmada por ultra-som, 40 a 60 dias após o final da cobertura. O número médio deaios por prenhez foi de 1,12; 1,20; 1,05 para os 3 anos, respectivamente. A taxa de prenhez nas cordeiras (6 a 7 meses) foi de 100; 72; e 86% para os 3 anos. As flutuações aqui apresenta-

\*Professor da Universidade Federal de Santa Maria, RS

das parecem estar mais relacionadas com variações no diferentes anos (umidade e temperatura) do que o uso de carneiros de linhagens diferentes.

As fêmeas prenhes recebiam suplementação (ração) alimentar, iniciando 15 dias antes da data prevista para o primeiro parto. A alimentação básica era campo nativo, capim cameron, tifton, pensacola e brachiaria, no verão e, pastagem de aveia e azevém, campo nativo, silagem de milho ou sorgo e concentrado comercial ou formulado na propriedade, no inverno. Apesar da variedade de alimentos, os animais eram mantidos em constante desafio alimentar devido as altíssimas lotações, chegando algumas vezes a 260 animais adultos mantidos em 6 hectares, divididos em 56 piquetes. É importante ressaltar que até o início do registro da raça crioula na propriedade, eram os animais do confinamento para abate e a produção de reprodutores suffolk, sendo as ovelhas crioulas sempre relegadas aos piores piquetes e recebendo mínimas quantidades de suplementação (normalmente restos dos lotes de ponta). Todos animais pernoitavam presos. Dentro do possível, ovelhas por parir eram separadas, ovelhas paridas eram mantidas isoladas (bairros desmontáveis) por 2 dias para fortalecer o imprinting e evitar pisoteio dos cordeiros recém-nascidos no momento da alimentação.

A ocorrência de partos gemelares foi esporádica, ficando entre 8 e 15%, normalmente em ovelhas adultas. O peso médio ao nascer foi de 2,9 Kg, com mínimo de 1,4 e máximo de 3,7 Kg. Como era de se esperar, as borregas (1 ano) pariram os cordeiros mais leves enquanto que ovelhas velhas, os mais pesados. Vale ressaltar que os cordeiros de pai e mãe crioula nascem na propriedade com média de 2,8 Kg, e os suffolk com 3,4 Kg (gêmeos) e 4,1 Kg (únicos). As mães crioulas pesam em torno de 40 – 45 Kg e, as suffolk, 80 Kg. Não houve nenhuma diferença marcante no peso ao nascer, quando comparamos as 2 linhagens paternas utilizadas. Apesar de grande, a raça suffolk normalmente produz cordeiros leves ao nascer, mais leves que a maioria das outras raças de carne.

A partir do 3º dia de vida, quando as mães eram transferidas para o lote de ovelhas paridas, os cordeiros, durante toda a noite e, por 2 horas ao redor do meio-dia, tinham acesso livre por portão

escamoteador a um creep-feeding, com suplemento mineral para pré-ruminantes e ração comercial peletizada para cordeiros com 23% de proteína. Frequentemente, a ração era enriquecida com farelo de soja, até níveis de 30 –32% de proteína. Neste sistema, pelo 5º dia de vida, sempre acompanhando os mais velhos, os cordeiros já iniciavam a experimentar o suplemento e a ração. Aos 10 dias, todos já comiam avidamente. Eventualmente, cordeiros que não aprendiam a usar o portão do creep, eram colocados no corredor de alimentação junto com os outros, e o portão fechado por 20 ou 30 minutos. O descole era feito entre o 3º e o 7º dia, com borracha, e os machos não eram castrados.

O controle do desenvolvimento era realizado por pesagens semanais e, a partir dos 90 dias, por exame de fezes, para contagem de ovos de parasitas. O desenvolvimento ponderal dos cordeiros obtidos através de cruzamento é demonstrado na tabela a seguir.

TABELA 1 - Desenvolvimento ponderal (Kg) médio por sexo e composição genética de cordeiros criados em regime de semi-confinamento, sob diferentes manejos. (M = machos; F= fêmeas; d = dias)

	15 d	30 d	60 d	90 d	120 d
<b>Crioula F</b>	6,25	10,8	15,1	18,5	21,0
<b>Crioula M</b>	7,54	11,5	16,5	19,9	23,4
<b>Cruza F</b>	7,10	13,8	23,5	26,9	42,5
<b>Cruza M</b>	10,6	17,1	29,5	34,8	40,1
<b>Suffolk F</b>	8,5	15,05	27,5	33,1	39,3
<b>Suffolk M</b>	8,65	15,85	30,6	41,2	49,4
<b>Suf. M PO</b>	9,1	18,2	36,0	46,0	58,2

É de fundamental importância ressaltar que os números acima servem apenas para se ter uma idéia de desenvolvimento em cada grupo. Os dados não permitem a comparação séria entre os grupos pelos seguintes motivos. Os dados foram obtidos em 3 anos diferentes, com número de animais variável

em cada ano, a alimentação não foi a mesma e houve influência do ano. A última linha da tabela (machos suffolk PO) é composta de animais super-alimentados (leite e ração) servindo apenas para ilustrar o ganho máximo atingido por um ovino no ambiente do experimento. Com exceção destes animais, todos os cordeiros receberam alimentação semelhante, no entanto, as mães não. A partir do 30º dia, o ganho de peso parece estar mais relacionado com a genética do cordeiro do que com a produção de leite da mãe. A voracidade dos cordeiros cruzados tanto para mamar, quanto no cocho, é algo que sempre chamou atenção. Provavelmente pelo vigor híbrido obtido pelo cruzamento. O desempenho inicial das cruzas mostra a boa capacidade leiteira da fêmea crioula, bem como sua resistência à verminose. Já na primeira semana pós parto, a oviposição das fêmeas dos vermes estomacais aumenta muito, estimulada pela prolactina (spring-rise), resultando em uma rápida contaminação ambiental. A presença de anemia em fêmeas lactantes sempre foi maior na raça suffolk do que na crioula. Houve uma diferença aparente (números não permitem análise estatística) entre os cordeiros cruza filhos de pai de linhagem americana e de neo-zelandesa. O peso adulto dos pais também era diferente 183 Kg vs. 144 Kg.

Ao mesmo tempo que os cordeiros cruza com a linhagem grande tinham melhor ganho de peso, a terminação da carcaça era muito pobre. A musculosidade das carcaças é excelente, porém, parece que a deposição de gordura de cobertura no meio sangue americano só inicia após os 50 Kg. No meio sangue neozelandês, uma boa deposição de gordura é atingida em um peso menor. Parece que esta combinação de 2 raças, com baixa deposição de gordura quando jovens, não é a melhor escolha para carcaças destinadas ao mercado gaúcho, para serem assadas em peças inteiras no espeto. Todavia, é uma carne de alto apelo visual para o mercado "light", com cortes especiais para grelhar. O rendimento de carcaça da cruza parece muito próximo do suffolk, no entanto o abate sem jejum prévio não permite uma boa análise dos números. Chamam a atenção os parâmetros para porções nobres como o volume do pernil e a área de olho de lombo, onde a cruza fica entre 10 e 20% atrás da raça paterna, mas tem deposição de gordura levemente melhor.

Na busca de uma melhor qualidade de carcaça, com animais abatidos leves (40 Kg), este ano estamos iniciando um cruzamento de fêmeas crioulas não tatuadas com carneiros Ile de France em regime extensivo. Para o próximo ano, tentaremos iniciar com o cruzamento de fêmeas ideal com carneiros suffolk, também em regime extensivo. O objetivo destes cruzamentos é de se manter fêmeas pequenas e resistentes no campo, produzindo cordeiros com boa qualidade e terminação de carcaça, com o rebanho ideal parindo na estação normal e a crioula produzindo fora de estação. Talvez este seja um sistema simples e natural para se obter mais de uma produção não estacional de cordeiros.

Por fim, deixo uma espécie de lema que desenvolvi nestes anos de estudo e paixão pela ovinocultura: Se a meta é eficiência na produção de carne, cruzar é preciso, não crie raças, crie ovinos.

## **2º CONCURSO ESTADUAL DE ARTESANATO EM LÃ E PELE OVINAS**

Eduardo Amato Bernhard<sup>1</sup>

Dando continuidade ao trabalho iniciado em 2002, foi realizado durante a EXPOINTER 2003, o II Concurso Estadual de Artesanato em Lã e Pele Ovinas, tendo nesta edição todas as associações de criadores de ovinos como promotoras e todas as entidades ligadas ao artesanato no Rio Grande do Sul: SENAR/FARSUL, FGTAS (Casa do Artesão), EMATER, COOPARIGS e SEBRAE, como copromotoras e patrocinadoras, além da LANOBRASIL, no patrocínio dos troféus e, o apoio da ARCO, da FEBROCARNE e da EMBRAPA.

As inovações para realizarmos um concurso com maior expressão, ficaram por conta do espaço de 100m<sup>2</sup> cedido pelo

---

<sup>1</sup>Diretor Técnico da Associação Brasileira dos Criadores de Karakul

Parque de Exposições Assis Brasil e pela Secretaria da Agricultura, em uma maravilhosa parceria. Também, tivemos a participação da Escola Técnica de Agricultura - ETA, de Viamão, através das Disciplinas de Ovinocultura e de Artesanato em lã, que propiciaram aos alunos participarem como monitores do concurso, ao mesmo tempo em que aprendiam sobre as diversas raças ovinas presentes no parque. Outra novidade foi o período da exposição, de primeiro de agosto a sete de setembro, oportunizando que as peças premiadas fossem apreciadas por centenas de visitantes, que podiam ainda acompanhar o trabalho de fiação e tecelagem in loco, durante toda a exposição.

Mais uma vez a qualidade das peças apresentadas deram muito trabalho aos Jurados de Classificação: Vera Junqueira, Luciana Maciel Vianna, Jacob Costa Milan e Elizabete Cuty Abella. Na entrega da premiação, no dia 04 de setembro, contamos com a participação de diversas autoridades, representando todos os promotores, co-promotores e parceiros, numa demonstração do fortalecimento do nosso concurso. Estavam presentes o Presidente da Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social, Nelcir Tessaro, Presidente da Farsul, Carlos Sperotto, Superintendente do SENAR, Gilmar Tietbohl, Presidente da ARCO, Paulo Schwab, Presidente da FEBROCARNE, Wilson Barbosa, Diretor Administrativo da EMATER, Afonso Hamm, além dos Presidentes e Representantes das Associações de Criadores, da LANOBRASIL, Imprensa, entre outros.

As vencedoras receberam um lindo troféu em cerâmica, totalmente artesanal, concebido pela artesã Helenara Fan.

Para 2004, estamos na expectativa de repetirmos o sucesso das duas primeiras edições, aumentando a participação de artesãos de todo o estado, bem como o nosso número de parceiros e projetando cada vez mais o artesanato gaúcho, além de muitas outras novidades que estão por vir.

A seguir, transcrevemos a relação dos artesãos premiados:

#### FIAÇÃO - LÃ ARTESANAL

1º Prêmio: MARISA AZAMBUJA SOARES - Butiá

2º Prêmio: ELVIRA REGINA M. RODRIGUES - Palmares do Sul

FIAÇÃO – LÃ INDUSTRIAL

1º Prêmio: GENI DA SILVA RODRIGUES - São Gabriel

2º Prêmio: GENI DA SILVA RODRIGUES - São Gabriel

TECELAGEM – LÃ INDUSTRIAL

1º Prêmio: ESTELA MARIZA PEREIRA MACHADO - São Gabriel

2º Prêmio: NEIDA MARIA ANTUNES LOPES - São Gabriel

TECELAGEM – MISTAS

1º Prêmio: MARIA LUIZA MARCON FERRARI - Canoas

2º Prêmio: ORLANDA SILVA DUARTE - Mostardas

TECELAGEM – LÃ ARTESANAL

1º Prêmio: LEILA TABORDA - Bagé

2º Prêmio: ANA MARIA DA ROSA - Alvorada

TÉCNICAS LIVRES - MISTAS

1º Prêmio: ANA LUIZA ZAMBRANO WAGECK - Porto Alegre

2º Prêmio: IZABEL PINTO BONOTO - Porto Alegre

TÉCNICAS LIVRES - LÃ ARTESANAL

1º Prêmio: IZABEL PINTO BONOTO - Porto Alegre

2º Prêmio: IZABEL PINTO BONOTO - Porto Alegre

PRÊMIO ORIGINALIDADE

MARTA ZACCARIAS - Porto Alegre

PRÊMIO CRIATIVIDADE

IGNES ALVES RODRIGUES - Alvorada

PRÊMIO INOVAÇÃO SEBRAE/RS*Resgate de técnica*IGNES ALVES RODRIGUES - Alvorada

---



## EFEITO CASTRAÇÃO EM OVINOS DA RAÇA CRIOLA NAS CARACTERÍSTICAS SENSORIAIS

Márcia Arocha Gularte<sup>1</sup>  
Sabrina Melissa Besen<sup>2</sup>  
Rosa Oliveira Treptow<sup>1</sup>  
Clara M.S.L.Vaz<sup>3</sup>

Os ovinos da raça Crioula apresentam características de exploração: manejo simples, capacidade de sobrevivência, alto percentual de crias desmamadas, importantes para uma criação simplificada para subsistência familiar. Além disso, demonstra grande rusticidade do genótipo à verminose. A utilização dos vários produtos (leite, cordeiro mamão, carne, pele e lã naturalmente colorida) é importante para atender nichos de mercado e para o desenvolvimento rural e produção animal. Este setor necessita, além de quantidade, qualidade/caracterização para seu desenvolvimento e consolidação. Visando o incremento da produção como forma de preservação, o objetivo deste estudo foi caracterizar sensorialmente a carne de ovinos da raça Crioula de animais castrados e não castrados, abatidos aos 150 dias, oriundos da Embrapa-Bagé/RS. Foram realizadas análises para determinação de dureza pelo equipamento *Warner-Bratzler shear*, perdas "Drip" de descongelamento e cocção e sensoriais conduzidas em laboratório. As amostras foram assadas até atingir  $\pm 70$  °C de temperatura interna. Utilizou-se 6 julgadores treinados. Avaliou-se os atributos odor, maciez, suculência, sabor e recobrimento de gordura pelo teste de Avaliação de Atributos com escala não estruturada de 9 cm, sendo o extremo esquerdo a menor intensidade do atributo. O Drip apresentou diferença significativa, sendo que os castrados apresentaram menores perdas de água no descongelamento e cocção.

<sup>1</sup>Professoras da Faculdade de Ciências Domésticas, Depto. Ciência dos Alimentos, Curso de Química de Alimentos, UFPel, Campus Universitário, C.P. 354, CEP 96.010-900, Pelotas, RS - E-mail: gularte@ufpel.tche.br; <sup>2</sup>Discente do Curso de Química de Alimentos, FCD, UFPel - Bolsista da FAPERGS;

<sup>3</sup>Pesquisadora da EMBRAPA Pecuária Sul

Na tabela, a seguir, pode-se observar que nas avaliações físicas, as perdas de descongelamento da carne dos animais do estudo apresentaram diferenças significativas, sendo que dos castrados apresentou menores perdas de água tanto em descongelamento como cocção.

TABELA 1 – Médias das análises da carne de ovinos da raça Crioula entre castrados e não castrados

Análises	Castrado	Não castrado
Perdas descongelamento	3,47b*	9,01a
Perdas de cocção	19,11b	30,38a
Dureza (shear)	2,88a	2,52b
Odor	4,76b	5,75a
Maciez	2,91a	1,91b
Suculência	5,53a	4,58b
Sabor	4,70a	4,54a
Recobrimento gordura na boca	1,48a	0,83b

\*médias seguidas de letras distintas diferem entre si na horizontal pelo teste de Tukey ( $p < 0,05$ ).

•

Na avaliação de dureza, medida objetiva, observou-se que o animal não castrado apresentou menor resistência de cizalhamento, por tanto maior maciez. Este comportamento também foi observado na medida de maciez subjetiva.

O odor da carne dos animais apresentou-se como regularmente intenso, sendo que dos não castrados obtiveram diferenças estatísticas com as maiores médias.

Nos resultados pode-se observar que a castração não influencia no sabor da carne, classificando-se como regularmente saborosa. O mesmo comportamento foi evidenciado por Osório *et al.* (1998), em que para ovinos a diferença de sabor não são acentuadas.

Na avaliação de suculência observou-se que a carne dos animais classificaram-se como regularmente a moderadamente suculento e apresentaram diferenças significativas com a maior média para os castrados. Este fato pode ter sido influenciado pela

maior sensação de recobrimento de gordura na boca que demonstraram.

Conclui-se que as maiores perdas de água são dos animais não castrados, enquanto que os castrados apresentam menor maciez. Os animais apresentaram odor e sabor de intensidade regular, sendo que os castrados a suculência e recobrimento de gordura na boca são de maior intensidade.

OSORIO, J.C.; ASTIZ, C.S. & ALFRANCA, I.S. 1998. Produção de carne ovina, alternativa para o Rio Grande do Sul. UFPel, Pelotas. 166p.

### **III Exposição Nacional de Ovinos Crioulos**

A exposição nacional de 2003, foi realizada em Canguçu, RS, de 7 a 9 de novembro, no Parque de Exposições Cel. Hipólito Gonçalves da Silva, durante a 36ª Expofeira desse município, em parceria com o Núcleo de Criadores de Ovinos e Sindicato Rural local. A organização do evento esteve a cargo dessas duas instituições, presididas pelos ovinocultores Sérgio Pedrollo e Colmar Moreira Gonçalves, respectivamente.

O evento se caracterizou pela destacada organização e ampla estrutura disponibilizada, pela presteza e entusiasmo dos organizadores, elevada participação de crioulistas (47 animais, entre rústicos e galpão; 8 cabanhas) e grande receptividade do público em geral. Contou com a presença inédita de criadores de Santa Catarina (Fabrício A. F.A. Costa e Wolmar Pellizzaro, de Curitiba), que trouxeram pela primeira vez animais para participar em um certame da raça no Rio Grande do Sul.

A título de experiência, as variedades Fronteira e Serrana foram julgadas em separado. Atuou como jurado o Eng. Agr. Dirceu Severo Vieira, um dos técnicos mais antigos da ARCO, com atuação na região de Santa Maria, RS, e extenso conhecimento em relação à Ovelha Crioula.

Dos poucos animais que foram colocados em leilão, foram vendidos a Borrega Reservada de Grande Campeã Fronteira (Sobrado Branco 84), por R\$1000,00, para a Cabanha Morada Santa-Fé, de Eldorado do Sul, três fêmeas da Cabanha Estân-

cia Velha e dois machos da Agropecuária Agloflora, ambas de Curitiba, pelo preço individual de R\$ 400,00.

Também, em Assembléia Geral dos associados, realizada durante a exposição, foi eleita a nova diretoria da ABCOC, relativa ao biênio 2004/5, que encontra-se listada neste Boletim (página 2).

A seguir, listamos os campeões do evento:

#### **VARIEDADE FRONTEIRA**

**Grande Campeão** - Sobrado Branco 62 - Luis Christian e Mariana Pötter, Cabanha Paraíso de Navarra, Viamão

**Grande Campeã** - Sobrado Branco 50 - João Alberto Bronzato, Cabanha Recosta, São Sepé

**Campeão RGBbase** - Amândio Gomes Bueno, AGB Agropecuária, Esteio

**Campeã RGBbase** - Gilson Rudinei Pires Moreira, Canguçu

**Melhor Rústico** (Trio Fêmeas) - Amândio Gomes Bueno, AGB Agropecuária, Esteio

#### **VARIEDADE SERRANA**

**Grande Campeão** - Dois Coqueiros 28 - Gilson Rudinei Pires Moreira, Cabanha Sobrado Branco, Canguçu

**Grande Campeã** - Dois Coqueiros 07 - Luis Christian e Mariana Pötter, Cabanha Paraíso de Navarra, Viamão

**Campeão RGBbase** - Rui Junior Godinho, Fazenda Harmonia, Santa Maria

**Campeã RGBbase** - Volnei Afonso Merino, Cabanha Morada Santa Fé, Eldorado do Sul

**Melhor Rústico** (Trio Machos) - Rui Junior Godinho, Fazenda Harmonia, Santa Maria

**Melhor Rústico** (Trio Fêmeas) - Volnei Afonso Merino, Cabanha Morada Santa Fé, Eldorado do Sul